

economia

Novo hospital em Canela está previsto para 2027

Com aporte de R\$ 250 milhões, Pompéia Pryme avança para a fase de acabamento e deve abrir em outubro do ano que vem



Eduardo Torres

economia@jcrs.com.br

Está prevista para daqui um ano, em outubro de 2027, a abertura ao público do novo complexo hospitalar Pompéia Pryme, em Canela, na Serra. Até lá, o Pompéia Ecossistema de Saúde, que fará a gestão do hospital de alta complexidade, anuncia investimentos de R\$ 50 milhões para equipar e mobiliar o empreendimento. A construção do Pompéia Pryme é feita pela Novalternativa Incorporadora, com aporte de R\$ 200 milhões. A entrega das obras físicas está prevista para o final deste ano.

A estrutura terá dois andares compartilhados para UTI, bloco cirúrgico e emergência. Serão duas torres, cada uma com outros cinco andares. Uma delas com áreas para internações e outra para o centro clínico.

“Chegamos ao término da construção do último andar das duas torres. Agora, a obra física está na fase de acabamento dos andares. Todo esse processo deve

estar finalizado em dezembro, quando iniciaremos o trabalho de adequação do layout, mobiliário e equipamentos para a operação”, explica o diretor de negócios do Pompéia, Alexandre Escobar.

Uma etapa que, mesmo com as obras ainda em andamento, já teve início. Em abril, Escobar esteve na China, de onde, segundo ele, trouxe novas ideias sobre tecnologias dedicadas à eficiência dos espaços internos hospitalares. É o caso dos robôs usados para dispensar medicamentos nos quartos.

“O uso de robôs para serviços, atendimento direto aos pacientes ou robôs cirúrgicos está entre os investimentos que faremos no novo hospital e também nas nossas operações em Caxias do Sul. É uma das partes desse

Ficha técnica

- **Investimento:** R\$ 250 milhões
- **Estágio:** anunciado (R\$ 50 milhões) e em execução (R\$ 200 milhões)
- **Empresa:** Pompéia Ecossistema de Saúde
- **Cidade:** Canela
- **Área:** Varejo/Serviços



NOVALTERNATIVA INCORPORADORA/DIVULGAÇÃO/JC

Estrutura terá dois andares compartilhados para UTI, bloco cirúrgico e emergência

processo de equipar os novos espaços”, comenta o diretor.

O Pompéia Pryme terá 90 leitos hospitalares, 10 leitos de UTI, cinco salas cirúrgicas, dez salas de quimioterapia, ressonância, tomografia e salas de radiografia.

Segundo Alexandre Escobar, os aportes, a partir de janeiro, serão dedicados primeiro ao layout interno e, já nesta primeira etapa, à montagem do bloco cirúrgico, da UTI e da emergência. Na segunda etapa, será o momento do mobiliário e equipamentos de tecnologia, como os robôs.

Enquanto a expansão do Pompéia avança em Canela, em Caxias do Sul, há planos de melhorias nos serviços, com investimentos na estrutura física, a partir do próximo ano, ainda sem valores a serem investidos definidos pela direção.

Em uma das frentes, será equipado o novo centro clínico, que tem o prédio de 12 andares já pronto no mesmo quarteirão do Hospital Pompéia. Junto a essa estrutura, também haverá um edifício garagem, possivelmente com investimento de parceiros.

Na estrutura principal do Pompéia, os planos são investir em melhorias nos espaços de internação e mobilidade para os pacientes e visitantes.

“Já levaremos, por exemplo, a nossa estrutura de laboratórios para um novo espaço na esquina onde ficava uma antiga farmácia da Unimed. Facilitará a circulação e o acesso aos serviços”, aponta o diretor.

Entre os setores que receberão melhorias, a prioridade está, segundo Escobar, no bloco cirúrgico.

Chefe do WhatsApp no Brasil alerta que ‘busca excessiva por eficiência pode frear inovação’

/TECNOLOGIA

Gabriel Margonar, de São Paulo (SP)
gabrielm@jcrs.com.br

A corrida das empresas por eficiência pode se tornar um obstáculo justamente para uma das principais promessas da inteligência artificial: acelerar a inovação. Para o head do WhatsApp para Índia, Indonésia e Brasil, Guilherme Horn, companhias que pretendem aproveitar a transformação tecnológica terão de abrir mais espaço para experimentação - inclusive para erros.

O executivo argumenta que eficiência e inovação seguem lógicas diferentes. Enquanto a primeira busca reduzir falhas e fazer mais com menos, a segunda depende de tentativas que nem sempre dão certo. O desafio, segundo Horn, começa nos conselhos de administração, onde a cobrança excessiva por resultados de curto prazo pode desestimular projetos com potencial de gerar valor

no futuro.

“Inovação depende de falha. E isso exige uma cultura de tolerância à falha”, resumiu durante o 27º Congresso do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC), em São Paulo.

Horn citou como exemplo um episódio em que Facebook, Instagram e WhatsApp ficaram fora do ar globalmente por cerca de quatro horas. Segundo o executivo, o engenheiro envolvido na falha foi posteriormente promovido e passou a trabalhar na vulnerabilidade identificada pelo próprio episódio.

Para o executivo, a resposta exemplifica uma cultura que transforma erros em aprendizado, em vez de simplesmente punir. “IA não é sobre automatizar o passado. É sobre redesenhar o futuro”, destacou.

A discussão ganha uma nova dimensão com a inteligência artificial. Horn classificou a atual transformação como uma revolução “civilizatória”, com alcance

superior ao da própria internet, e afirmou que a tecnologia amplia de forma significativa a capacidade das pessoas. Ao mesmo tempo, defendeu que a responsabilidade pelas decisões continue sendo humana.

A discussão sobre inovação ganhou exemplos concretos de outras empresas ao longo do painel. Na Embraer, 15 agentes de

Inteligência Artificial já operam em diferentes setores. Um deles reúne informações de projetos de aeronaves, problemas de produção, acidentes, incidentes e lições acumuladas pela fabricante para auxiliar engenheiros durante o desenvolvimento.

Segundo o CTO da companhia, Luis Carlos Affonso, a aplicação da tecnologia permitiu ele-

var de 20% para 80% o reúso de peças em determinadas partes de aeronaves, com potencial para reduzir custos de desenvolvimento e estoques.

A fabricante, porém, restringe a autonomia dos sistemas conforme aumenta o risco envolvido. Decisões que possam provocar uma falha catastrófica não podem ser delegadas à IA. “A IA jamais será a responsável. Os responsáveis são os executivos”, afirmou Affonso.

Na Ericsson, outra integrante do painel realizado na quarta-feira, agentes de IA já conseguem detectar problemas nas redes de telecomunicações e fazer ajustes automaticamente, inclusive redirecionando tráfego. “No entanto, em situações que envolvam serviços críticos, grandes concentrações de usuários ou riscos de segurança cibernética, a decisão final permanece sob controle humano”, pondera o vice-presidente de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação, Edvaldo Santos.



HARA FOTOGRAFIA/DIVULGAÇÃO/JC

Empresas terão de apostar mais em experimentação, aponta executivo